



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

ALÉM DAS TELAS

As influências das mídias sociais no desenvolvimento de crianças

LAUREN FERREIRA NETTO

Campo Grande
NOVEMBRO/2025

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



ALÉM DAS TELAS

As influências das mídias sociais no desenvolvimento de crianças

LAUREN FERREIRA NETTO

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na Componente Curricular Não Disciplinar (CCND) Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Jornalismo da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Orientadora: Prof.^a. Dr^a Laura Seligman

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: "Além das Telas"

Acadêmica: Lauren Ferreira Netto

Orientadora: Laura Seligman

Data: 24/11/2025

Banca examinadora:

1. Daniela Cristiane Ota
2. Samanta Felisberto

Avaliação: (x) Aprovado () Reprovado

Parecer: a banca destaca a qualidade do trabalho e sugere a continuidade do projeto como produto de mercado.

Campo Grande, 24 de novembro de 2025.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman, Professora do Magistério Superior**, em 24/11/2025, às 16:21, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6009735** e o código CRC **62FE0E04**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS



AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho primeiramente aos meus pais, Alex e Lisiane, e à minha irmã, Maria Alice, que foi a minha grande inspiração para a escolha deste tema. Sem eles eu não seria eu, não teria tido uma vida tão bela e prazerosa de ser vivida. Hoje percebo que diversos fatores da minha infância me levaram à escolha do curso em que me formo agora. Sempre fui tagarela, curiosa, insaciável — traços que sempre foram explorados e admirados pelos meus pais, meus maiores apoiadores em todos os momentos da minha vida. Obrigada por serem quem são, por me ensinarem a viver e, sobretudo, a amar a vida e as pessoas. Considero a empatia uma qualidade essencial para um bom jornalista e, graças a vocês, aprendi a ver e ouvir o outro desde muito novinha. Ingressar e me formar em uma faculdade pública me enche de gratidão. Consigo olhar para o meu passado, para todo o investimento — de tempo, dinheiro e muito cuidado — que vocês depositaram em mim, e ver que valeu a pena. Dar orgulho a vocês sempre será uma das minhas maiores motivações.

Dedico também às minhas avós, Marta e Miriam, que sempre foram as minhas maiores fãs, mesmo de longe. Dedico aos meus avós, Lorinho e Nilson, que infelizmente não poderão presenciar este momento tão importante da minha vida, mas sei que, de algum lugar, me olham e me cuidam, da mesma forma que eu os sinto daqui. Gostaria muito que vocês vissem o quanto aquela menininha cresceu, quem ela se tornou e tudo o que conquistou.

Ao meu primo, Leonardo, que nos últimos anos se tornou tão próximo de mim, agradeço por cada conselho e conversa. Admiro e torço muito por você.

Ao meu melhor amigo, Thiago, agradeço pelo companheirismo de sempre. Nossa amizade me enche de orgulho. Viver a UFMS com você é muito gratificante; ver que aqueles dois “jovenzinhos” do ensino médio — tão cheios de emoção e questionamentos — conseguiram alcançar seus objetivos me deixa realizada. Concluir essa etapa com você ao meu lado torna tudo ainda mais emocionante.

Aos meus queridos amigos Ana Beatriz, Isadora, Júlia, Maria Gabriela, Milena, Murilo, Pietra e Raíssa, agradeço pela família que nos tornamos ao longo desses anos. Apesar de ter “encontrado” vocês no meu terceiro ano de faculdade, sinto que conheço cada um há uma vida, e espero seguir com todos até o resto da minha. Em alguns momentos duvidamos se esse curso realmente era para a gente, mas, para além de qualquer conteúdo acadêmico, aprendi muito sobre amor e lealdade na faculdade — e isso faz tudo valer a pena. Ingressaria neste curso várias

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO



e várias vezes se fosse para conhecer vocês. Obrigada por terem me abraçado durante todo esse trajeto.

À minha orientadora, Laura Seligman, não consigo nem colocar em palavras toda a gratidão e admiração que sinto. Encontrei uma professora gaúcha como eu, que me traz memórias de casa a cada conversa. Obrigada por toda a disponibilidade, toda a dedicação e todo o acolhimento. Este trabalho não existiria sem a senhora.

Seria impossível citar todas as pessoas que são e foram importantes para mim durante esses anos, mas, àquelas que não tiveram seus nomes aqui citados, saibam que minha gratidão será eterna e que valorizo cada um que já passou pela minha vida e me transformou de alguma forma. Não apenas como jornalista, mas como pessoa, aprendi a aprender com o outro. A mudar e melhorar, a errar e corrigir. Agradeço a todos que estiveram comigo nos bons e maus momentos, que abraçaram a minha pior versão e aplaudiram a melhor.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	10
1.1 Execução.....	10
1.2 Dificuldades Encontradas	11
1.3 Objetivos Alcançados	12
2 SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS.....	14
2.1 Evolução histórica do conceito de infância	14
2.2 Redes sociais e infância.....	15
2.3 TikTok como espaço formativo.....	17
2.4 Instagram como ambiente de socialização	19
2.5 Mediação parental e educação digital.....	20
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	24
APÊNDICES	25



RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo tem como objetivo analisar as consequências sociais da exposição sem controle de crianças ao TikTok e a outras mídias sociais. Por meio de uma série de vídeos curtos produzidos para o Instagram e o TikTok, o trabalho buscou discutir os impactos do uso precoce e desregulado das plataformas digitais na formação cognitiva, emocional e social infantil. A metodologia adotada combina pesquisa bibliográfica sobre desenvolvimento infantil e comunicação digital com entrevistas audiovisuais realizadas com pais, crianças e uma psicopedagoga. A produção jornalística, de caráter informativo e reflexivo, propõe sensibilizar pais e responsáveis quanto ao papel da mediação no uso das tecnologias, incentivando um consumo digital mais consciente e equilibrado. O resultado mostrou disparidades entre o desenvolvimento de crianças com ou sem controle parental sobre o acesso às telas.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação; Jornalismo Digital; Infância; Redes Sociais; TikTok; Exposição Midiática.



INTRODUÇÃO

O avanço das tecnologias digitais e a presença cada vez mais precoce das crianças em ambientes virtuais transformaram de forma profunda as dinâmicas da infância contemporânea. Em um cenário em que o consumo de conteúdo digital se tornou uma das principais formas de entretenimento, socialização e aprendizado, compreender os impactos desse fenômeno é fundamental para pais, educadores e comunicadores.

Este trabalho teve como objetivo investigar as consequências sociais da exposição sem controle de crianças às redes sociais, com foco na terceira infância — fase compreendida entre os sete e os 11 anos de idade, segundo a classificação de Jean Piaget (1994), correspondente ao estágio das operações concretas, marcado por significativos avanços cognitivos e emocionais.

A escolha por esse recorte etário se justifica pelo fato de que, nesse período, a criança começa a desenvolver maior autonomia de pensamento e um senso mais elaborado de regras e valores sociais. Ao mesmo tempo, ainda não possui maturidade suficiente para distinguir criticamente os diferentes tipos de conteúdo a que é exposta. Essa vulnerabilidade cognitiva e emocional faz com que o consumo de redes sociais, especialmente de plataformas com alto apelo visual e dinâmico, como o TikTok e o Instagram, exerça forte influência sobre sua formação cultural, afetiva e social.

O projeto resultou na produção de uma série audiovisual intitulada “Além das Telas”, composta por cinco vídeos curtos desenvolvidos especificamente para as plataformas Instagram e TikTok, no perfil @alemdastelastcc. A proposta buscou unir a prática jornalística à linguagem própria das redes, explorando o formato dinâmico e acessível que caracteriza o consumo de informação nesses espaços. O conteúdo foi direcionado a pais e responsáveis de crianças da terceira infância, com o objetivo de estimular a reflexão e o uso mais consciente das redes sociais no ambiente familiar.

A concepção da série partiu da necessidade de ampliar o debate sobre o uso infantil das redes sociais, um tema ainda pouco discutido fora dos espaços acadêmicos e especializados. Embora existam diversos estudos sobre o impacto das mídias digitais na adolescência, o uso por crianças mais novas continua sendo um campo carente de atenção. Além disso, observou-se, ao longo da pesquisa, que o uso cotidiano de redes como o TikTok — ainda que recomendado apenas para maiores de 13 anos — é amplamente difundido entre crianças de sete a 11 anos, muitas vezes sem qualquer tipo de supervisão ou controle parental.



Durante o desenvolvimento do projeto, foi possível observar na prática como as experiências familiares e os estilos de mediação parental influenciam diretamente a forma como as crianças se relacionam com o mundo digital. A série apresentou duas realidades distintas: a de uma criança com acesso restrito às redes sociais, cujos responsáveis mantêm controle ativo sobre o tempo e o tipo de conteúdo consumido; e a de uma criança com acesso irrestrito, que utiliza livremente o celular e aplicativos como o TikTok, sem monitoramento constante. Essas duas vivências, contrapostas, ofereceram um retrato concreto das diferenças no comportamento, na percepção de mundo e nas rotinas dessas crianças.

Além das entrevistas com as famílias, o trabalho contou com a participação da psicopedagoga Olivia Carromeu, cuja contribuição foi essencial para contextualizar os impactos cognitivos e emocionais observados nas crianças. A especialista reforçou, com base em sua experiência clínica, como o uso excessivo e desregulado das redes pode interferir em aspectos como atenção, sono, interação social e desempenho escolar.

A metodologia do trabalho combinou práticas jornalísticas e processos audiovisuais, incluindo roteirização, gravação, entrevistas, edição e publicação nas redes sociais. Todo o processo foi acompanhado pela orientadora professora Laura Seligman, que contribuiu com orientações na construção dos roteiros, na definição das abordagens e na adequação da linguagem. A elaboração dos vídeos seguiu o princípio da clareza e objetividade, fundamentais para garantir o alcance e a compreensão do público nas plataformas digitais. Assim, a linguagem adotada foi simples e direta, mas sem abrir mão do rigor informativo e da base teórica que sustenta o projeto.

Durante a execução, o foco inicial em uma única plataforma — o TikTok — evoluiu para uma análise mais ampla das redes sociais em geral, já que as entrevistas revelaram que as crianças entrevistadas não se limitavam a um único aplicativo, transitando entre diferentes espaços digitais, como YouTube, Instagram e jogos on-line. Essa mudança metodológica permitiu uma compreensão mais abrangente da presença infantil no ambiente digital e reforçou a importância de se discutir a exposição a telas como um fenômeno complexo, que envolve múltiplas plataformas e contextos de uso.

Ao trazer informações fundamentadas em pesquisas e depoimentos reais, o projeto buscou contribuir para o debate social sobre o uso das redes por crianças e orientar pais e responsáveis sobre estratégias práticas de mediação digital. No episódio final, por exemplo, são apresentadas dicas e orientações sobre o uso consciente das redes sociais na infância, além de



sugestões de ferramentas de controle parental e de fontes confiáveis de informação sobre o tema.

A relevância do trabalho se justifica não apenas pela atualidade do tema, mas também pelo formato escolhido. Ao adotar uma linguagem audiovisual adaptada ao ambiente digital — e não um modelo tradicional de reportagem televisiva —, o projeto dialoga diretamente com os modos contemporâneos de consumo de conteúdo jornalístico. O uso das redes sociais como meio e objeto de investigação reforça a coerência entre o tema abordado e a forma de apresentação dos resultados, explorando o potencial das plataformas como espaços de circulação de conhecimento e reflexão crítica.

Em termos de impacto social, o projeto busca promover uma reflexão coletiva sobre o papel dos adultos na mediação digital e sobre os limites entre liberdade e responsabilidade no uso das redes por crianças. O objetivo central — de estimular uma relação mais saudável com o ambiente virtual — foi atingido por meio de narrativas que combinam depoimentos reais, análise de uma especialista e recomendações práticas.

Ao longo do processo, ficou evidente que a desinformação e a falta de diálogo entre pais e filhos ainda são grandes desafios na educação digital das crianças. Muitos responsáveis, embora reconheçam os riscos do uso excessivo de telas, demonstram dificuldade em estabelecer limites ou em compreender a dimensão dos conteúdos que circulam nas redes. Por outro lado, também se observou que, quando existe acompanhamento ativo, as redes podem se tornar espaços de aprendizado, expressão e socialização, desde que o uso seja mediado de forma responsável.

Por fim, a produção da série “Além das Telas” representa não apenas o cumprimento de um trabalho de conclusão de curso em Jornalismo, mas também uma síntese de reflexões sobre infância, comunicação e sociedade. Ao unir teoria e prática, o projeto evidencia o papel do jornalismo enquanto ferramenta de transformação social, capaz de promover informação de qualidade em formatos compatíveis com as novas dinâmicas de consumo midiático.



1 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

O desenvolvimento do projeto iniciou-se com a definição e o contato com as fontes de entrevista. Busquei três perfis distintos: uma criança com acesso restrito às redes sociais e sua responsável; uma criança com acesso irrestrito às redes e sua responsável; e uma psicopedagoga que pudesse contribuir com uma análise técnica sobre o tema. Ainda no início, procurei e fechei um contrato com uma *videomaker* para a edição dos meus vídeos conforme roteiro fornecido a ela.

Após o aceite das fontes, realizei o agendamento das entrevistas e produzi os roteiros de cada um dos três vídeos — contendo passagens, *offs* e perguntas direcionadas a cada entrevistada. Todos os roteiros foram revisados e aprovados previamente pela orientadora do projeto, professora Laura Seligman.

Paralelamente, elaborei e gravei os roteiros do primeiro e último vídeos da série, que são compostos apenas por minha fala. O vídeo inicial introduz o tema e apresenta o projeto, enquanto o vídeo final conclui a série com orientações práticas para pais e responsáveis.

Com todas as gravações realizadas, iniciei a etapa de seleção dos materiais — um processo fundamental, já que cada entrevista teve duração média de 40 minutos, mas os vídeos produzidos para as redes sociais precisavam ser curtos e dinâmicos. Após essa seleção, produzi os roteiros de edição para a *videomaker* responsável pela montagem final, especificando as passagens, *offs*, imagens de apoio, transições e trechos selecionados das entrevistas com suas respectivas minutagens.

1.1 Execução

A execução do projeto seguiu um cronograma bem definido. A primeira entrevista foi realizada em 4 de outubro, com Ludmilla Costa e Silva e sua filha Maria Fernanda, de 10 anos, que possui acesso restrito às redes sociais. Nesta data, contei com o apoio da colega Pietra Dorneles, que auxiliou nas gravações.

No dia 9 de outubro, gravei o primeiro vídeo da série, que introduz o tema e apresenta o projeto. A gravação foi feita em uma cafeteria, escolhida por oferecer um cenário “instagramável”. Tive o apoio da colega Maria Gabriela Arcanjo durante toda a gravação.

Em 10 de outubro, realizei a segunda entrevista, com a psicopedagoga Olívia Carromeu. Nesta ocasião, contei com a ajuda do meu namorado Augusto Rímoli para a gravação. As



passagens deste vídeo, no entanto, foram gravadas posteriormente, em 15 de outubro, na UFMS, com o auxílio da colega Milena Melo.

No dia 11 de outubro, realizei a terceira entrevista, com Cristiéli Pereira Gonçalves e sua filha Pyetra Gonçalves, de 7 anos, que têm acesso irrestrito às redes sociais. A colega Milena Melo também auxiliou na gravação. As passagens foram gravadas no mesmo dia, mas devido à iluminação e à qualidade das imagens, optei por regravá-las em 20 de outubro, novamente na UFMS, com o apoio da colega Maria Gabriela Arcanjo.

Em 16 de outubro, gravei o último vídeo da série, que encerra o projeto com reflexões e orientações voltadas aos pais e responsáveis. A filmagem foi realizada em uma cafeteria, com o auxílio de Maria Gabriela Arcanjo, mas não pôde ser concluída no mesmo dia por conta da iluminação natural, já que utilizamos apenas a luz do sol. Retornei ao local no dia 17 de outubro, com o apoio da minha amiga Victória Ranzan, para finalizar as gravações. Nesse mesmo dia, realizei uma reunião com a *videomaker* contratada para repassar todas as instruções sobre o processo de edição.

Em todas as gravações foram utilizados equipamentos bem acessíveis, mas eficientes para produções audiovisuais de redes sociais: microfone de lapela, celular para gravação e tripé para estabilização das imagens.

1.2 Dificuldades Encontradas

De modo geral, o desenvolvimento do projeto ocorreu de forma organizada e sem grandes imprevistos. As fontes foram encontradas com facilidade e demonstraram disponibilidade para participar das entrevistas.

Uma das principais dificuldades aconteceu com a fonte cuja filha tem acesso irrestrito às redes sociais. No dia marcado para a gravação, a entrevistada tentou remarcar a entrevista enquanto eu já estava a caminho, o que exigiu flexibilidade e negociação para mantê-la no mesmo dia. Além disso, ela não autorizou a gravação dentro da residência, o que obrigou a realização da entrevista na calçada da casa, onde havia trânsito de veículos e pessoas, gerando ruídos que interferiram na captação de áudio. Para agravar, começou a chover no momento em que seriam gravadas as passagens, o que me fez interromper as filmagens e retomá-las mais tarde, já em casa. Como o dia estava escurecendo, a diferença de iluminação entre os *takes* comprometeu o resultado, e optei por regravar essas passagens em outro dia.



Outro contratempo ocorreu no dia 16 de outubro, durante a gravação do vídeo final, quando a iluminação natural começou a “desaparecer” antes que terminássemos as filmagens. Foi necessário retornar no dia seguinte para concluir o trabalho.

O maior desafio, no entanto, foi administrar o tempo dos vídeos. Cada entrevista teve cerca de 40 minutos, e como o projeto foi desenvolvido para o Instagram e o TikTok, era necessário condensar o conteúdo sem perder a profundidade. No pré-projeto, havia sido planejado que cada vídeo teria até três minutos, mas durante a edição percebi que seria inviável apresentar as informações com qualidade dentro desse limite, especialmente considerando o formato jornalístico com passagens e *offs*.

Outro ajuste importante foi a redução de seis para cinco vídeos, decisão tomada em conjunto com a orientadora, a fim de tornar a série mais objetiva. O episódio que seria dedicado à síntese e comparação dos casos foi suprimido, já que o conteúdo das entrevistas e da fala da especialista já contemplavam essa análise.

Houve ainda uma adaptação de enfoque: embora o pré-projeto previsse uma abordagem centrada no TikTok, durante as entrevistas as fontes naturalmente ampliaram a discussão para o uso das redes sociais em geral, o que tornou a análise mais abrangente.

Por fim, notei que a entrevista com a mãe da criança de acesso restrito foi bem produtiva, mas a entrevista com a mãe da criança de acesso irrestrito apresentou respostas mais curtas e menos elaboradas, o que exigiu maior esforço de edição. Além disso, a criança desse episódio, de apenas sete anos, falou pouco diante da câmera, em parte pela timidez e pela idade, o que também influenciou a dinâmica do vídeo.

1.3 Objetivos Alcançados

Os objetivos propostos no pré-projeto foram alcançados de forma satisfatória. O principal propósito — produzir uma série de vídeos jornalísticos que abordassem as consequências sociais da exposição sem controle de crianças às redes sociais, com linguagem acessível e informativa — foi plenamente atingido.

Creio que o produto final irá conseguir estimular a reflexão entre pais e responsáveis de crianças na terceira infância (de 7 a 11 anos), público-alvo definido desde o início da pesquisa.

Algumas modificações ocorreram no percurso, como a extensão da duração dos vídeos, que ultrapassaram o limite inicialmente proposto, e a exclusão de um dos episódios previstos no pré-projeto. Também houve uma ampliação temática, já que a discussão passou a incluir as



redes sociais de modo geral, e não apenas o TikTok, acompanhando o direcionamento espontâneo das entrevistas.

De modo geral, o resultado final foi muito positivo. A série conseguiu unir rigor jornalístico, clareza informativa e uma certa sensibilidade social, cumprindo o papel de fomentar o debate sobre o uso consciente das telas na infância. A elaboração detalhada do pré-projeto e o acompanhamento constante da orientadora Laura Seligman foram fundamentais para o êxito do trabalho, garantindo coerência em todas as etapas.



2 SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS

2.1 Evolução histórica do conceito de infância

O conceito de infância nem sempre foi compreendido da forma como o conhecemos atualmente. A noção de que a infância constitui uma fase específica do desenvolvimento humano é relativamente recente na história. Segundo Philippe Ariès (1981), durante a Idade Média, a criança era tratada como um adulto em miniatura, e a ideia de infância como um período distinto, com necessidades e direitos próprios, foi se consolidando apenas a partir da modernidade. Essa mudança ocorreu à medida que surgiram instituições sociais, como a escola e a família nuclear, voltadas para a formação e a proteção da criança.

Com o avanço das ciências humanas, especialmente da psicologia e da sociologia, a infância passou a ser compreendida como uma fase fundamental do desenvolvimento. Jean Piaget (1994), por exemplo, estruturou sua teoria do desenvolvimento cognitivo com base em estágios, sendo o período dos sete aos 11 anos denominado estágio das operações concretas. Nessa fase, também chamada de terceira infância, a criança desenvolve a capacidade de raciocinar logicamente sobre eventos concretos, fortalecer sua autonomia e compreender regras sociais.

A terceira infância é marcada por significativos avanços cognitivos, emocionais e sociais. As crianças passam a ter maior compreensão das relações de causa e efeito, conseguem se colocar no lugar do outro com mais facilidade e começam a construir sua identidade com base nas interações sociais. Por isso, esse período é considerado especialmente sensível às influências do meio, inclusive aquelas provenientes das mídias digitais.

A consolidação da infância como uma fase específica da vida não ocorreu de forma linear nem simultânea em diferentes sociedades. A noção de criança como um sujeito com direitos, necessidades e tempos próprios de desenvolvimento emergiu a partir de transformações culturais, econômicas e políticas que redefiniram o papel da família e da educação na modernidade. De acordo com Sarmento (2005), a infância é uma construção social historicamente situada, que deve ser compreendida à luz das relações sociais, institucionais e simbólicas que moldam sua existência. Nesse sentido, a infância deixa de ser um estágio biológico universal para ser entendida como uma categoria social produzida e reconfigurada conforme o contexto histórico.



No século XIX, com o fortalecimento da pedagogia, da medicina e das ciências psicológicas, a criança passou a ser alvo de intervenções voltadas ao seu controle, disciplina e desenvolvimento. A escola moderna assume o papel central de instituição normatizadora da infância, regulando tempos, comportamentos e saberes considerados adequados para essa fase da vida (Ariès, 1981). Esse processo esteve profundamente ligado à construção de uma infância idealizada — vista como inocente, frágil e dependente da tutela adulta —, que exigia proteção contra os perigos do mundo exterior. A partir dessa concepção, o isolamento da criança do espaço público e a vigilância sobre seus comportamentos tornaram-se estratégias centrais da organização social.

A contribuição de Philippe Ariès (1981) foi fundamental para problematizar essa concepção de infância como algo natural. Ao demonstrar que a infância como conhecemos é uma invenção moderna, Ariès questiona a tendência de homogeneizar experiências infantis e desconsiderar as desigualdades sociais, de gênero e de classe que atravessam essa categoria. Segundo o autor, o surgimento de um “sentimento de infância” nos séculos XVII e XVIII coincide com a valorização da afetividade nas relações familiares e com o início da separação simbólica entre o mundo infantil e o adulto. Essa transformação também permitiu o surgimento de novas formas de controle social, como a escolarização obrigatória e a vigilância moral da família.

Contudo, mesmo com esse processo histórico de institucionalização e valorização da infância, as experiências vividas pelas crianças continuam sendo diversas e desiguais. Como destaca Corsaro (2011), as crianças são também agentes sociais ativos, que interpretam, negociam e transformam as normas culturais às quais estão submetidas. Essa perspectiva reconhece que a infância é um campo de disputa simbólica e política, em constante construção. Ao considerar a criança como sujeito ativo, amplia-se a compreensão sobre como ela interage com os ambientes digitais contemporâneos — especialmente as redes sociais —, e como essas interações impactam a constituição de sua subjetividade, identidade e modos de estar no mundo.

2.2 Redes sociais e infância

O uso de redes sociais tem se tornado cada vez mais comum entre crianças, apesar das restrições etárias estabelecidas por muitas dessas plataformas. Tais espaços digitais funcionam como ambientes interativos voltados à troca de informações, imagens, vídeos e ideias entre usuários. Com a popularização dos dispositivos móveis e o fácil acesso à internet, esse contato



acontece de maneira precoce, o que gera desafios importantes no contexto da infância, especialmente no que se refere ao desenvolvimento cognitivo, emocional e social. Entre as plataformas mais acessadas por crianças estão redes sociais administradas por grandes conglomerados tecnológicos, como Meta Platforms (responsável por Instagram e Facebook) e ByteDance (controladora do TikTok), empresas cuja atuação global influencia diretamente práticas de consumo e interação digital desde a infância.

Para as crianças, as redes sociais representam, ao mesmo tempo, oportunidades e riscos. Se por um lado oferecem recursos para o entretenimento, a aprendizagem informal e a expressão criativa, por outro também expõem os usuários infantis a situações de hiperexposição, conteúdos impróprios e à pressão por aceitação social. A dinâmica algorítmica dessas plataformas contribui diretamente para esse cenário. Como destacam Bertoletti e Camargo (2016), as redes sociais inauguram uma nova estrutura social, que se configura paralelamente à vida offline e tem como foco manter o indivíduo o maior tempo possível conectado.

Esse processo é chamado de engajamento, sendo compreendido como a lógica central dessas plataformas. Lanier (2018) complementa essa visão ao afirmar que os algoritmos utilizados são capazes de conhecer profundamente os comportamentos dos usuários, inclusive mais do que eles próprios. Essa coleta contínua de dados é revertida em estratégias de personalização de conteúdo e publicidade direcionada, o que maximiza os lucros das empresas por meio da retenção prolongada do usuário. Portanto, quanto mais tempo crianças permanecem conectadas, mais elas são influenciadas por essas lógicas de consumo e performance digital, o que pode afetar negativamente sua saúde emocional e sua percepção de mundo.

Entre os riscos mais recorrentes relacionados ao uso precoce das redes sociais está a adultização infantil, caracterizada pela antecipação de comportamentos, linguagens, práticas estéticas e modos de vida próprios da fase adulta. Essa tendência é intensificada pela exposição a conteúdos midiáticos que incentivam o consumo, a sexualização e a valorização de padrões de imagem irreais. O acesso irrestrito a esse tipo de conteúdo, muitas vezes sem mediação de adultos, pode comprometer aspectos fundamentais do desenvolvimento infantil, especialmente no que se refere à autoestima, à relação com o próprio corpo e à construção da identidade.

Postman (2012) alerta para o desaparecimento simbólico da infância diante do avanço dos meios de comunicação visual, ao apontar que a uniformização dos conteúdos midiáticos consumidos por adultos e crianças dissolve a linha que historicamente separava esses dois grupos etários. O autor observa que o acesso simultâneo à informação e aos mesmos produtos



culturais contribui para a emergência de crianças adultizadas e adultos infantilizados, fenômeno que compromete a ideia da infância como etapa distinta e protegida da vida humana.

A vulnerabilidade infantil diante das mídias digitais também está ligada à limitação cognitiva típica dessa faixa etária, que dificulta a distinção entre realidade, publicidade e ficção. Isso torna as crianças alvos fáceis para manipulações simbólicas e estratégias comerciais, o que pode afetar sua percepção de mundo e de si mesmas. A presença constante nas redes sociais, além disso, tem sido associada ao surgimento de quadros de ansiedade, distúrbios do sono e dificuldades de atenção, impactos preocupantes para uma geração que cresce imersa na lógica do consumo e da performance digital. A pesquisa TIC Kids Online Brasil 2022 analisou a saúde mental e o bem-estar digital de crianças e adolescentes, indicando que 33,1% dos jovens relataram experiências online ofensivas ou desconfortáveis. Embora o termo “ansiedade” não apareça diretamente em todos os resumos da pesquisa, os resultados e análises subsequentes evidenciam riscos significativos relacionados à exposição digital precoce. Cerca de um terço dos entrevistados, entre 9 e 17 anos, vivenciou interações negativas na internet, um fator que pode contribuir para problemas de saúde mental, incluindo ansiedade.

Buckingham (2007) observa que a infância contemporânea se configura de forma distinta da vivenciada por gerações anteriores, marcada por profundas transformações culturais e pelo surgimento de uma nova ordem tecnológica. Para ele, estamos diante do que chama de “a morte da infância” – não no sentido literal, mas no simbólico – em que a ascensão da chamada geração eletrônica e a valorização de sua autonomia digital conduzem ao esvaziamento de experiências infantis tradicionais.

Como parte desse processo, observa-se que a criança passa a reproduzir atitudes, hábitos e discursos típicos do universo adulto, revelando-se uma participante precoce da sociedade de consumo e de seus valores. Nesse contexto, o consumo deixa de ser apenas um comportamento e passa a ocupar uma posição central na organização da vida social infantil, o que, como aponta Postman (2012), representa um retrocesso histórico em relação à luta pelo reconhecimento da infância como uma fase específica e diferenciada da existência humana.

2.3 TikTok como espaço formativo

Criado em 2016 pela empresa chinesa ByteDance, o TikTok consolidou-se como uma das redes sociais mais populares do mundo, especialmente entre os públicos mais jovens. Com foco em vídeos curtos e com uma interface intuitiva, a plataforma favorece a produção e o



consumo rápido de conteúdo. Sua dinâmica algorítmica prioriza a viralização e a performance, aspectos que influenciam diretamente a forma como crianças e adolescentes constroem sua identidade e interagem socialmente.

O TikTok tornou-se um espaço de socialização, onde crianças seguem tendências, imitam danças e interagem com uma cultura digital globalizada. Essa vivência, porém, não é isenta de problemas. A lógica da plataforma estimula a busca por visualizações e curtidas, o que pode gerar frustração, dependência digital e comportamentos de risco.

Fenômenos culturais como a viralização de desafios e a imitação de influenciadores têm demonstrado o poder do TikTok na formação de hábitos e valores. Em Portugal, por exemplo, foi registrada uma mudança no uso da língua por parte de crianças que passaram a consumir conteúdo produzido por influenciadores brasileiros, adotando expressões, gírias e sotaques. Isso revela como a cultura digital atravessa fronteiras e influencia aspectos identitários desde a infância.

A lógica algorítmica do TikTok, ao organizar os conteúdos exibidos com base nos interesses e comportamentos do usuário, cria o que Pariser (2012) chamou de *filter bubble* — uma bolha de informações que reforça padrões e preferências individuais. No caso das crianças, essa personalização extrema pode limitar o contato com outras experiências culturais e restringir a diversidade de referências, influenciando diretamente o processo de construção identitária. Como o público infantil possui maior vulnerabilidade cognitiva, emocional e social, os conteúdos repetitivos, muitas vezes reforçados por estéticas padronizadas e comportamentos idealizados, podem interferir na autoimagem e na percepção de pertencimento.

Outro aspecto relevante está na lógica da performance digital, característica central do TikTok. Como destaca Sibilia (2008), vivemos em uma cultura em que o “eu” é constantemente encenado e visibilizado, especialmente em ambientes digitais. A exposição contínua da imagem, a busca por curtidas e o esforço por reconhecimento social podem instaurar uma relação precoce das crianças com o narcisismo digital, levando à dependência da aprovação alheia. Essa dinâmica é potencializada pela rapidez da plataforma, que estimula o consumo passivo e constante, reduzindo o tempo de reflexão crítica sobre o conteúdo recebido e produzido.

Além disso, a facilidade de acesso ao TikTok por crianças — muitas vezes com idade inferior à permitida pela própria plataforma — revela uma fragilidade na regulação do ambiente digital. Mesmo com a exigência de idade mínima de 13 anos para o cadastro, um número significativo de perfis infantis circula livremente no aplicativo. Essa realidade é confirmada



pela pesquisa TIC Kids Online Brasil 2022, que identificou o TikTok como a rede social mais utilizada por crianças e adolescentes de 9 a 17 anos no país, incluindo usuários com menos de 13 anos — o que contraria a política oficial da plataforma. O levantamento aponta para a alta taxa de uso da rede por crianças abaixo da idade recomendada, reforçando a necessidade de um debate mais aprofundado sobre os impactos sociais, culturais e psicológicos desse consumo precoce.

2.4 Instagram como ambiente de socialização

O Instagram, plataforma pertencente à empresa Meta Platforms, consolidou-se como um dos principais espaços de interação digital entre crianças e adolescentes, ainda que, assim como em outras redes, a idade mínima global estabelecida para criação de conta seja de 13 anos. Com uma dinâmica baseada na circulação de imagens e vídeos, o Instagram estimula práticas comunicacionais centradas na estética, na autoapresentação e na busca por visibilidade, aspectos que influenciam diretamente a forma como usuários em desenvolvimento constroem sua identidade e percebem a si mesmos no ambiente digital.

Apesar de a idade mínima global para usar o Instagram ser 13 anos, no Brasil o Ministério da Justiça reclassificou o aplicativo para menores de 16 anos em junho de 2025, com base em critérios de conteúdo. Embora essa medida seja uma recomendação e não uma obrigação técnica imediata, pais e responsáveis devem refletir sobre o uso da plataforma por adolescentes mais novos, considerando os impactos no desenvolvimento emocional, social e na formação da identidade digital.

Entre os recursos que mais atraem o público infantil e juvenil estão os *reels*, filtros visuais e ferramentas de edição rápida, que incentivam a criação constante de conteúdo. Essas funcionalidades reforçam a lógica algorítmica da plataforma, voltada à retenção e ao engajamento prolongado — um mecanismo que, como discutem Bertoletti e Camargo (2016) e Lanier (2018), opera a partir da personalização do conteúdo e da segmentação de interesses. No caso de crianças, tal dinâmica pode favorecer a comparação social, o contato com padrões estéticos irreais e a exposição a tendências de consumo, ampliando riscos relacionados à autoestima e ao desenvolvimento emocional.

Além disso, o Instagram funciona como um espaço significativo de socialização, onde crianças observam influenciadores, acompanham rotinas e participam de comunidades digitais. Embora ofereça oportunidades de expressão criativa e aprendizagem informal, também expõe



o público infantil à hiperexposição e à circulação de conteúdos inadequados para a faixa etária. Assim como em outras redes sociais, a participação de crianças no Instagram evidencia a necessidade de mediação parental ativa e de práticas educativas que promovam o uso crítico e seguro das plataformas digitais.

2.5 Mediação parental e educação digital

Diante desse cenário, a mediação parental e a educação digital tornam-se elementos essenciais para mitigar os riscos e potencializar os benefícios do uso das redes sociais por crianças. A mediação ativa, que envolve o acompanhamento do que é consumido, o diálogo constante e o estabelecimento de limites claros, apresenta maior efetividade do que modelos baseados apenas na proibição ou no uso irrestrito. Um estudo desenvolvido por Schwartz e Pacheco (2021), publicado na revista Estudos e Pesquisas em Psicologia, mostra que essa forma de mediação contribui significativamente para o desenvolvimento de um uso mais saudável da internet e das redes sociais, reduzindo riscos como o consumo de conteúdos inadequados e o envolvimento precoce em dinâmicas nocivas das plataformas.

No campo da Educomunicação, pesquisas como a de Sarmiento e Gamba Junior (2021), publicada na revista Aurora, reforçam a importância de um trabalho articulado entre escola e família para a construção de uma cultura digital mais crítica. De acordo com os autores, é papel dos adultos orientar as crianças na leitura dos conteúdos digitais, ajudando-as a reconhecer intenções comerciais, lidar com padrões estéticos irrealistas e interpretar informações com autonomia e senso crítico. A presença ativa de educadores e responsáveis nesse processo é essencial para formar sujeitos digitais conscientes e resilientes frente às pressões do ambiente online.

Apesar da importância da mediação parental no uso das redes sociais por crianças e adolescentes, sua aplicação prática apresenta obstáculos significativos. De acordo com dados do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação¹, embora a maioria dos responsáveis afirme estabelecer regras para o uso de dispositivos e acompanhar as atividades online dos filhos, esse acompanhamento tende a ser parcial. Segundo a pesquisa, cerca de 60% dos pais ou responsáveis verificam o histórico ou os registros dos sites acessados pelas crianças e adolescentes, e aproximadamente 70% mantêm conversas sobre o que fazem

¹ Disponível em: <https://nic.br/noticia/na-midia/criancas-e-adolescentes-usam-mais-a-internet-pelo-proprio-celular-diz-tic-kids-2024/> acesso 11/05/2025.



na internet. No entanto, apenas 34% utilizam ferramentas de bloqueio ou filtragem de conteúdo. Outro aspecto relevante é que o hábito de monitorar o uso do celular diminui progressivamente conforme os filhos avançam na adolescência, o que amplia os desafios para uma supervisão efetiva.

Esse cenário revela uma lacuna entre o ideal e a realidade cotidiana das famílias, marcada muitas vezes pela falta de tempo, de conhecimento sobre tecnologia ou de estratégias adequadas para acompanhar o uso das redes pelos filhos. Soma-se a isso a natureza acelerada e personalizada de plataformas como o TikTok, que dificultam o controle direto por parte dos responsáveis.

Compreender os impactos das redes sociais na infância exige, portanto, uma análise que considere a complexidade das relações entre cultura digital, desenvolvimento infantil e mediação educativa. A mediação não deve ser entendida apenas como um instrumento de controle, mas como um processo formativo que oferece segurança, fortalece a autonomia e incentiva uma participação mais consciente e ética das crianças no universo digital.



3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção da série de vídeos “Além das Telas” representou não apenas a conclusão de um processo acadêmico, mas também a oportunidade de refletir, de forma crítica e jornalística, sobre uma das transformações sociais mais significativas da atualidade: a presença das telas no cotidiano infantil. O projeto buscou compreender e comunicar, de maneira acessível, como o uso desmedido das redes sociais pode afetar o desenvolvimento emocional, social e cognitivo das crianças, ao mesmo tempo em que destacou caminhos possíveis para um consumo digital mais equilibrado.

A execução do trabalho exigiu planejamento e pesquisa teórica. A série foi estruturada em cinco vídeos curtos, pensados para as plataformas Instagram e TikTok, priorizando uma linguagem visual dinâmica e objetiva, compatível com os hábitos de consumo de informação no ambiente digital. Cada episódio abordou uma dimensão do tema: desde a contextualização do problema e a exposição de diferentes realidades familiares até a escuta de uma especialista e a apresentação de orientações práticas aos pais.

Durante o processo de apuração e gravação, um dos principais desafios foi equilibrar o tom informativo e o apelo emocional do conteúdo, garantindo que a série mantivesse o caráter jornalístico sem se tornar moralista ou prescritiva. Para isso, optou-se por construir as narrativas com base em observação, entrevistas e dados, evitando julgamentos e priorizando o contexto social em que cada história se desenvolve. O contato direto com as famílias e a entrevista com a psicopedagoga contribuíram para reforçar a dimensão humana do projeto, oferecendo diferentes perspectivas sobre o impacto das telas no desenvolvimento infantil.

Os resultados obtidos com o produto final apontam para a relevância da produção jornalística voltada à educação digital e ao uso consciente das tecnologias. O conteúdo despertou reflexões sobre a necessidade de orientação parental e de políticas públicas que considerem a infância no contexto da cultura das redes. Além disso, demonstrou o potencial das plataformas de mídias sociais como ferramentas de divulgação, capazes de aproximar a comunicação acadêmica da sociedade por meio de formatos contemporâneos e de fácil acesso.

Sob a perspectiva da formação profissional, o projeto contribuiu para o aprimoramento de competências essenciais ao jornalista, como roteirização, produção para redes sociais e adequação de linguagem ao público. Também reforçou a importância de uma prática jornalística comprometida com o interesse público, com a ética da informação e com o papel social do comunicador na mediação de temas sensíveis.



Conclui-se, portanto, que o trabalho cumpriu sua proposta de unir teoria e prática, transformando a reflexão acadêmica em um produto informativo de relevância social. A série “Além das Telas” se propôs a provocar questionamentos e oferecer caminhos possíveis, contribuindo para um debate urgente sobre a infância conectada e os limites da exposição de crianças no ambiente digital.



REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BERTOLETTI, A.; CAMARGO, P.. O ensino das artes visuais na era das tecnologias digitais. Curitiba, PR: **Intersaberes**. 2016
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2007.
- LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. São Paulo: Intrínseca, 2018.
- PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- SARMENTO, Manoel; GAMBA JUNIOR, Wilson. Leitura crítica da mídia pelas crianças: políticas públicas brasileiras e europeias. v. 14 n. 40 : **Aurora - revista de arte, mídia e política**. DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-6672.2021v14i40p91-109> 2021.
- SCHWARTZ, F. T., & PACHECO, J. T. B. (2021). Mediação Parental na Exposição às Redes Sociais e a Internet de Crianças e Adolescentes. **Estudos E Pesquisas Em Psicologia**, 21(1), 217–235. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2021.59383>
- SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.



APÊNDICES

ROTEIRO 1 – VÍDEO DE APRESENTAÇÃO

[Vinheta]

[CENA 1 – APRESENTAÇÃO | PASSAGEM DE REPÓRTER]

ON: “Você já parou para pensar quanto tempo as crianças passam hoje nas redes sociais? Plataformas como o TikTok têm feito parte da rotina até mesmo dos mais novos. Mas será que isso é saudável? Eu sou Lauren Netto, acadêmica de Jornalismo da UFMS, e este é o meu projeto de conclusão de curso. Nesta série de vídeos, vamos entender juntos os impactos da exposição precoce das crianças ao ambiente digital.”

[CENA 2 – DADOS DE CONTEXTO | OFF + IMAGENS DE APOIO]

OFF: “Só para você ter uma ideia: no Brasil, o TikTok é a rede social mais utilizada por crianças e adolescentes de 9 a 17 anos. Isso inclui muitas crianças abaixo da idade recomendada pela própria plataforma.”

OPÇÕES DE IMAGENS DE APOIO:

- https://br.freepik.com/video-gratuito/menina-sala-estar_2863041#fromView=search&page=1&position=7&uuid=bbda0973-a249-42b9-8089-ac0c0faad739
- https://br.freepik.com/video-gratuito/linda-garota-negra-curtindo-jogo-celular-tablet-deitado-cama_476319#fromView=search&page=1&position=3&uuid=bbda0973-a249-42b9-8089-ac0c0faad739

[CENA 3 – ALERTA INICIAL | PASSAGEM + GC]

ON: “Ao longo da série, vamos conversar sobre riscos como conteúdos impróprios, algoritmos que viciam e até os impactos na saúde mental infantil. Tudo isso de forma simples, mas sem perder o olhar crítico.”

[CENA 4 – CHAMADA PARA OS PRÓXIMOS EPISÓDIOS]

ON: “E você, já parou para refletir sobre como as redes sociais têm influenciado a infância? Se esse assunto despertou a sua curiosidade,

acompanhe o nosso perfil. Aqui você vai encontrar conteúdos que ajudam a entender melhor esse universo e a pensar em caminhos para um uso mais saudável da tecnologia.”

[Encerramento – Trilha final]

ROTEIRO 2 – CRIANÇA COM ACESSO RESTRITO

[CENA 1 – APRESENTAÇÃO | PASSAGEM]

ON: “No episódio de hoje, você vai conhecer a história da Maria Fernanda, de 10 anos, e sua mãe, Ludmilla. A família optou por limitar o acesso da filha às redes sociais, e a experiência deles mostra como é possível criar estratégias de uso consciente da tecnologia.”

[Vinheta]

[CENA 2 – APRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA | IMAGENS DE APOIO]

OFF: “Em um cenário em que muitas crianças passam horas no celular, a decisão dessa família vai na contramão do uso irrestrito das redes sociais.”

IMAGEM DE APOIO:

https://br.freepik.com/video-gratuito/familia-caminhar-parque_6124727#fromView=search&page=1&position=7&uuid=d25decf1-b8da-4115-b70a-0eed716ac31d

[CENA 3 – ENTREVISTA COM A MÃE LUDMILLA]

[CENA 4 – ENTREVISTA COM MARIA FERNANDA]

[CENA 5 – REFLEXÃO FINAL | PASSAGEM]

ON: “A experiência da família de Maria Fernanda mostra que impor limites não significa excluir, mas sim abrir espaço para novas formas de aprendizado e convivência. Essa é uma das possíveis estratégias para lidar com o desafio das redes sociais na infância.”

[Encerramento – Vinheta]

Créditos

Roteirização: Lauren Netto

Apresentação e narração: Lauren Netto

Gravação: Pietra Dorneles e Lauren Netto

Edição: Tanara Maciel

Orientação: Prof.^a Laura Seligman

ROTEIRO 3 – CRIANÇA COM ACESSO IRRESTRITO

[CENA 1 – ABERTURA | PASSAGEM]

ON: “No episódio de hoje, vamos conhecer a história da Pietra, de 9 anos, que tem acesso livre às redes sociais, como o TikTok. A mãe dela, Thielly, conta como o uso constante dessas plataformas afeta a rotina, o comportamento e até os hábitos da filha.”

[Vinheta]

[CENA 2 – CONTEXTO | OFF + IMAGENS DE APOIO]

OFF: “Muitas crianças passam horas conectadas em busca de diversão, inspiração e pertencimento. Mas o excesso de tempo de tela pode trazer consequências, desde dificuldades de concentração até mudanças no sono e no humor.”

OPÇÕES DE IMAGENS DE APOIO:

https://br.freepik.com/video-gratuito/closeup-linda-garota-deitada-cama-passando-tela-smartphone_473282#fromView=search&page=1&position=4&uuid=d665b47a-795c-42c9-8402-70eb32d50e20

https://br.freepik.com/video-gratuito/criancas-usam-smartphones-casa_2792801#fromView=search&page=1&position=24&uuid=d665b47a-795c-42c9-8402-70eb32d50e20

https://br.freepik.com/video-gratuito/menina-quarto_2862976#fromView=search&page=1&position=30&uuid=d665b47a-795c-42c9-8402-70eb32d50e20

[CENA 3 – ENTREVISTA COM A MÃE]

No **“TAKE 3 - TIÉLI”**, escreva essas perguntas na parte de cima:

Logo no início **“Quanto tempo Pyetra passa por dia nas redes sociais?”**;

E no 00:13 adicionar **“Que tipo de conteúdo ela mais consome?”**

[CENA 4 – ENTREVISTA COM A CRIANÇA]

No **“TAKE 1 - PYETRA”**, escreva essa pergunta na parte de cima, logo no início do take: **“O que você sente quando fica sem mexer no celular?”** Aí

some essa anterior e aparece essa: **“Você já ficou um dia inteiro sem mexer no celular?”**

[CENA 5 – REFLEXÃO FINAL | OFF + PASSAGEM]

OFF: “O relato da Thielly e da Pietra mostra como o uso livre das redes pode influenciar o cotidiano das crianças. A ausência de limites transforma o entretenimento em hábito, e o hábito, muitas vezes, em dependência.”

https://br.freepik.com/video-gratuito/jovem-infeliz-ser-intimidado-telemovel-biblioteca-escola_3385235#fromView=search&page=1&position=19&uuid=16b28a02-f90d-4b8d-b8f9-dc276d8635fc

https://br.freepik.com/video-gratuito/video-vertical-close-up-menino-quarto-casa-usando-telefone-movel-mensagem-texto-sob-coberturas-edredom-noite-1_3441973#fromView=search&page=2&position=0&uuid=16b28a02-f90d-4b8d-b8f9-dc276d8635fc

https://br.freepik.com/video-gratuito/menina-comendo-pipoca-cinema_2817716#fromView=search&page=1&position=22&uuid=16b28a02-f90d-4b8d-b8f9-dc276d8635fc

ON: “E você, já parou para observar quanto tempo seu filho passa nas redes? No próximo episódio, eu converso com uma psicopedagoga para entender melhor como esse comportamento afeta o desenvolvimento das crianças. Acompanhe o nosso perfil para entender mais sobre esse tema.”

[Encerramento – Vinheta]

Créditos

Roteirização: Lauren Netto

Apresentação e narração: Lauren Netto

Gravação: Maria Gabriela Arcanjo e Milena Melo

Edição: Tanara Maciel

Orientação: Prof.^a Laura Seligman

ROTEIRO 4 – PSICOPEDAGOGA

[CENA 1 – ABERTURA | PASSAGEM + IMAGENS DE APOIO]

ON: Nos vídeos anteriores, conhecemos duas realidades bem diferentes: a de uma criança com o uso controlado das redes e a de outra com acesso livre. Agora, vamos entender, com a ajuda de uma especialista, como o uso das redes sociais, seja ele limitado ou irrestrito, pode impactar o desenvolvimento infantil.

[Vinheta]

[CENA 2 – APRESENTAÇÃO DA ENTREVISTADA | PASSAGEM]

ON: No episódio de hoje, quem conversa com a gente é a psicopedagoga Olívia Carromeu. Ela vai falar sobre os efeitos que o uso das redes sociais pode ter nas crianças.

[CENA 3 – ENTREVISTA COM OLÍVIA]

OFF 1: Olívia explica que o uso sem limites das redes sociais pode afetar diretamente funções cognitivas importantes na infância.

OLÍVIA: (Resposta)

OFF 2: Ela também aponta mudanças no comportamento e nas emoções das crianças.

OLÍVIA: (Resposta)

OFF 3: A psicopedagoga reforça ainda o papel essencial dos pais e responsáveis na mediação do uso das telas, para que a tecnologia se torne uma aliada e não um obstáculo no desenvolvimento.

OLÍVIA: (Resposta)

[CENA 4 – ENCERRAMENTO | PASSAGEM]

ON: As redes sociais podem abrir caminhos para o aprendizado e a criatividade, mas é o equilíbrio que faz a diferença. Estabelecer limites, acompanhar o que é consumido e incentivar outras experiências são

atitudes que ajudam a garantir uma infância mais leve, conectada com o mundo real.

Créditos

Roteirização: Lauren Netto

Apresentação e narração: Lauren Netto

Gravação: Augusto Rímoli e Milena Melo

Edição: Tanara Maciel

Orientação: Prof.^a Laura Seligman

[Encerramento – Vinheta]

ROTEIRO 5 – VÍDEO DE CONCLUSÃO

[Vinheta]

[CENA 1 – ABERTURA | PASSAGEM]

ON: Ao longo desta série, vimos como o uso das redes sociais pode transformar o dia a dia das crianças, seja quando há limites ou quando o acesso é livre. Também ouvimos a psicopedagoga explicar os efeitos dessas escolhas no desenvolvimento infantil. Neste episódio final, vamos falar sobre o papel dos pais e as práticas que ajudam a tornar o ambiente digital mais equilibrado e saudável.

[CENA 2 – ACOMPANHAMENTO FAMILIAR | PASSAGEM]

ON: Tudo começa com o diálogo. Conversar sobre o que as crianças assistem, com quem interagem e o que publicam ajuda a criar confiança e a estabelecer limites de forma natural, sem precisar recorrer à proibição.

[CENA 3 – LIMITES DE TEMPO | OFF + IMAGENS DE APOIO]

OFF 1: Especialistas recomendam que o tempo de tela seja proporcional à idade e que não substitua atividades importantes, como brincar, estudar ou conviver em família.

OPÇÕES DE IMAGENS DE APOIO:

- https://br.freepik.com/video-gratuito/visao-traseira-criancas-correndo-competindo-velocidade-parque_478070#fromView=search&page=1&position=24&uuid=2263ee73-ab87-4bce-b83a-055e8c777115
- https://br.freepik.com/video-gratuito/pai-filho-sentados-asfalto-desenhando-giz_474428#fromView=search&page=1&position=47&uuid=2263ee73-ab87-4bce-b83a-055e8c777115

[CENA 4 – FERRAMENTAS DIGITAIS | PASSAGEM]

OFF 2: Ferramentas de controle parental também ajudam a monitorar o tempo de uso e o tipo de conteúdo acessado. É importante que essas

configurações sejam feitas junto com a criança, para que ela entenda os motivos e participe desse processo de forma consciente.

OPÇÕES DE IMAGENS DE APOIO:

- https://br.freepik.com/video-gratuito/homem-bonito-ensinando-filho-jogar-jogo-smartphone-pai-filho-passando-tempo-juntos_168146#fromView=search&page=1&position=14&uuid=e32c547d-0225-4830-ac87-f21f06591978
- https://br.freepik.com/video-gratuito/homem-caucasiano-bonito-oculos-filhinha-bonita-loira-assistindo-algo-tablet-sorrindo-enquanto-sentados-cama-noite_479380#fromView=search&page=1&position=18&uuid=e32c547d-0225-4830-ac87-f21f06591978

[CENA 5 – EXEMPLO DOS ADULTOS | PASSAGEM]

ON: Outro ponto essencial é o exemplo. Quando os adultos também equilibram o tempo que passam nas redes, a mensagem sobre uso responsável se torna muito mais forte e verdadeira.

[CENA 6 – REFLEXÃO FINAL | OFF + IMAGENS DE APOIO]

OFF 3: As redes sociais podem oferecer momentos de diversão, troca e descoberta, mas precisam ser usadas com responsabilidade e acompanhamento. A consciência digital começa em casa, e cada conversa é um passo para um futuro mais saudável dentro e fora das telas.

OPÇÕES DE IMAGENS DE APOIO:

- https://br.freepik.com/video-gratuito/familia-ver-filme-casa_2799717#fromView=search&page=1&position=1&uuid=6132ec77-aeel-4d81-b628-2d0bedcfd20b
- https://br.freepik.com/video-gratuito/homem-caucasiano-menino-sala-estar_2840445#fromView=search&page=1&position=24&uuid=6132ec77-aeel-4d81-b628-2d0bedcfd20b

[CENA 7 – ENCERRAMENTO | PASSAGEM]

ON: Este é o último vídeo da série sobre os impactos do uso das redes sociais por crianças, um projeto que desenvolvi como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo da UFMS. A proposta foi entender como as telas influenciam a infância e, ao mesmo tempo, mostrar caminhos possíveis para um uso mais consciente e equilibrado. Que essas reflexões inspirem pais e responsáveis a olhar para o digital com mais atenção e cuidado.